

## O transformismo político e suas ressonâncias nas Relações Internacionais

### *The political transformation and its echoes in the international relations*

ARGEMIRO PROCÓPIO FILHO\*

Meridiano 47 n. 110, set. 2009 [p. 12 a 13]

Nos conformes das circunstâncias e surpreendendo a si mesmo pela desenvoltura com que se transveste para de dia ser Maria no Fórum Econômico Mundial de Davos e à noite João no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, o transformismo lulista inspirou-se em sua própria *rationale*. Com carmim em seus lábios ditou concessões ao capital especulativo mantendo a extorsiva taxa Selic, a mais alta do mundo. Não reduzir o *spread* bancário angariou influentes aliados que lhe creditaram um *performance* superior ao merecido aqui e no exterior.

Seu portfólio de éticas, mais pela cooptação e menos pela convicção, se inspira no messianismo político a ele inerente. Dessa forma, o mencionado transformismo trama a desfavor da revolução por mudanças estruturais.

Artista hábil, a teatralidade consciente intrínseca à duplicidade política lulista rende apoio para quantos mandatos queira. Encenando o progressista ou desdizendo numa hora o que julga oportuno prometer noutra, ele domina uma retórica de carismática duplicidade. Seu destino manifesto concretado no pragmatismo circunstancial inclina-se pouco para o trabalho e demasiado para o representativo. No exercício do mandato presidencial, aquele que mais viajou e longamente permaneceu no exterior sequer esteve em todos os estados da federação. Até julho de 2009 o Primeiro Mandatário não havia visitado Roraima.

Na contraface do seu dom de liderar a desfavor de mudanças estruturais, o lulismo tatua no corpo da sociedade símbolos do imobilismo político com indeléveis cores do oportunismo. Subestimando deveres para com as gerações futuras, tutela a impunidade no modelo brasileiro de progresso oligárquico. Coletador

do de primeira em politicagem sustentável dentro do lixão nacional, órfão de idéias e adepto contumaz da multiplicação de burocracias, Luis Inácio Lula da Silva governa com quase meia centena de secretarias especiais e ministérios!

Nesse prolongado casamento com o oportunismo político, tal fenômeno inseminou pelos recônditos da nação a decadência do sindicalismo pelego. Auto-interessado nos privilégios que consegue agarrar, defende com unhas e dentes o *status quo* dos grupos opositores à reorganização do Estado.

Deslebrado dos acertos por radical revolução contra a apartação social e por honesta reforma agrária, o situacionismo, pelas vias do latifúndio, promove a política do bioetanol que levou Brasília a ensaiar acordos a favor da cana-de-açúcar do Inferno Verde até o Haiti, comprometendo o quase nada que ali resta de alimento e de mato. Esqueceu que o presidente deposto Jean-Bertrand Aristide e seus partidários encaram quaisquer tropas estrangeiras lá estacionadas como a mão do feitor em tarefas de capitão-do-mato. Na Ordem dos Advogados do Brasil, em voz alta se diz, tais tropas marcham mais pela ocupação do que para um trabalho de caráter humanitário. Num beco sem saída e ignorando que o Brasil também é Haiti, o exibicionismo diplomático pensa ainda que dá prestígio internacional combater a desordem social na periferia da periferia com tanques e soldados, preferencialmente sob a égide da Organização das Nações Unidas.

Desde o ano de 2004 a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, Minustah, conta com militares brasileiros. Estimados em 1.200 homens, esse contingente deu ao Brasil a liderança em número de soldados assim como a desgraça da

\* Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade de Brasília e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (procopio@unb.br).

contaminação da SIDA em vários deles. Essa presença, somada à de outras nacionalidades, sequer aliviou a fome naquele país. Tampouco impediu a construção de portos e pistas clandestinas no litoral haitiano, onde traficantes de cocaína e armas de procedências diversas aproveitam-se da desordem.

Incensando o orgulho colonial de Paris e fazendo-se de todo oferecido para Washington, os governistas enviaram as Forças Armadas para o Haiti sem saber como retirá-las dali. País com o qual a sociedade brasileira – ainda que não o saiba – guarda profunda identidade cultural, lá sob a bandeira da ONU, as tropas do Duque de Caxias pelo menos provam que seu país consta no *Mapa Mundi*. Nesse proceder, a diplomacia presidencial tricota a talvez mais vistosa de suas reivindicações: o assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Sem direito a veto, essa vaidade importa, sobretudo, à diplomacia do pragmatismo circunstancial. Tanta *mise en scène* tem custo que o contribuinte gostaria de vê-lo aplicado em prioridades não simbólicas.

Outra atrapalhada, esvaziar a Alca, isto é, a Área de Livre Comércio das Américas e fortalecer a cooperação com Washington traduz a habilidade do Itamaraty na troca do seis por meia dúzia. Daí os impasses no fortalecimento do eixo Sul-Sul. Crises não evitadas, por exemplo, as presentes no relacionamento com a Bolívia, o Equador, o Paraguai e principalmente o mau atendimento consular às vítimas da diáspora tentando ganhar o pão no exterior, esses fatos sublinham o despreparo do MRE no enfrentamento de novos desafios. Expõe a debilidade na articulação das políticas interna e externa por instrumentos para reverter percepções extremamente desfavoráveis ao Brasil nas relações internacionais. Particularmente o êxodo e a devastação ambiental implicam práticas que travam a interação com projetos por um Estado indutor de justiça social.

Ressentida pelas debilidades que a impedem de emular com as ousadias espalhadas pela filosofia bolivarianista acalentada por Caracas, Havana, La Paz e Quito, pelas estradas do bioetanol Brasília refundou o pacto da dependência. Este pacto apela por ciclos econômicos do passado para, como sempre, levar essa economia a abastecer as metrópoles com matéria-prima. Nesse país da fome, o ciclo inconcluso da *Saccharum officinarum* desempenha protagônico papel no aumento da vulnerabilidade externa da economia.

Por meio da expansão do bioetanol, forja-se futuro em tradição inglória de economia latifundiária e colonial. Essa opção preocupa porque atiga conflitos pelo mal uso de bens, como terra e água, vítimas indefesas das mudanças climáticas. Isso apesar da reserva anunciada do ouro negro nessa nova petropotência, onde abaixo da camada de sal em zonas litorâneas guardam-se o equivalente a 50 bilhões de barris.

Ninguém cobre os danos pela forma como o agronegócio inseriu-se na sociedade brasileira. Parte dos malefícios do latifúndio, o poder central equivocadamente acredita saná-los com as esmoladas do assistencialismo. A prática paternalista concretizada pelo lulismo, pai dos pobres e mãe dos banqueiros, esbalda na herança da hegemonia neoliberal e providencia o obituário da emancipação social das classes oprimidas.

O anacronismo político capaz de combinar ortodoxia econômica com programas assistencialistas não é novidade no capitalismo periférico hodierno. Seu caráter paternalista e eleitoreiro interessa às elites tradicionais que há decênios constitucionalizam ilusões para evitar rupturas nas regras do jogo do poder.

Forças compromissadas com os Direitos Humanos, inclusive a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, formularam críticas contra o comodismo social presente no Programa Bolsa Família que exclui os mais pobres entre os pobres. Os enganosos resultados a favor da inclusão talharam essa aposentadoria antecipada numa dadivosa escola de votar. Ensinam perpetuar uma cultura assistencialista pela ilegitimação da racionalidade contra a apartação social.

Recebido em 27/08/2009

Aprovado em 01/09/2009

**Resumo:** o artigo aborda a política externa do governo Lula. Critica a sua atuação nas seguintes áreas: agronegócio e o seu papel na missão de paz das Nações Unidas no Haiti.

**Abstract:** the article deals with the foreign policy of Lula's government. It criticizes the agribusiness and the role of Brazil in the United Nations Stabilization Mission in Haiti (Minustah).

**Palavras chaves:** política externa do Brasil; biocombustível; Haiti

**Key words:** Brazilian foreign policy; biofuel; Haiti